



Garotas driblam assédio e desemprego para virarem gandulas em SP

Projeto 'Mulheres em Campo' é uma iniciativa da ONG Procuru com a Portuguesa Santista para geração de renda e inserção por meio do futebol.

Por Isabella Lima, Nathália Arcanjo e Nathalia Perez*

09/12/2018 07h27 · Atualizado há um dia



Thabata Miranda conheceu o projeto fazendo estágio na ONG Procuru, e, desde então, é a mais ativa da equipe de gandulas — Foto: Nathalia Perez/Arquivo Pessoal

O futebol deixa, cada vez mais, de ser um espaço exclusivamente masculino. As mulheres vêm conquistando seu lugar nas arquibancadas, nos debates, e com a bola nos pés - ou nas mãos. O projeto Mulheres em Campo é um exemplo de como esse novo cenário vem se consolidando. Promovida pela ONG Projeto Cultura de Rua (Procuru), em Santos, a iniciativa formou uma equipe feminina de gandulas para atuar em jogos da Portuguesa Santista. O objetivo é estimular a atuação profissional feminina no futebol e garantir geração de renda.

O 'Mulheres em Campo' segue um movimento considerado uma conquista mundial durante a Copa do Mundo da Rússia, realizada entre junho e julho deste ano. Na competição, um grupo de 14 garotas russas chamou atenção ao atuar como gandulas na partida de abertura, entre Rússia e Arábia Saudita, e se tornar a primeira equipe exclusivamente feminina a desempenhar essa função em campo.

Foi em 2015 que a Procu, que impulsiona iniciativas de resgate e transformação social em comunidades carentes, fez o projeto de gandulas sair oficialmente do papel. O presidente da ONG, Leandro Valença da Silva, se reuniu com a diretoria da Portuguesa. O clube sugeriu a ideia de colocar mulheres, preferencialmente de baixa renda, para atuarem como gandulas em jogos da Briosia.

Primeiro, a ONG divulgou em suas redes sociais que estava selecionando mulheres para a iniciativa. Feita a seleção, mandou o grupo de gandulas escolhidas ao campo. Embora hoje as mulheres que compõem o projeto participem apenas de partidas das categorias de base do clube, o Mulheres em Campo já marcou presença em jogos da equipe principal, que disputará a Série A2 do Campeonato Paulista no próximo ano.

Entre as integrantes da formação atual está Jéssica Borges, de 27 anos. Desde que ficou desempregada, ser gandula se tornou uma fonte importante de renda para ela. Ganhando R\$ 50 por jogo, a jovem afirma que o dinheiro faz diferença para que possa comprar as coisas para sua casa e seu filho, além de pagar algumas contas. “Quando se está desempregada, todo extra que vem é lucro”, diz.

Jéssica relata que o projeto proporcionou a ela uma qualidade de vida muito melhor. “Como eu estava bem sedentária, foi um grande desafio ser gandula”, afirma. Ela conta que fazer parte do Mulheres em Campo fez com que pudesse se preocupar mais consigo mesma. “Estou mais alegre, disposta e produtiva”, conta.



Catharina leva seu filho para conhecer seu ambiente de trabalho pela primeira vez — Foto: Nathalia Perez/Arquivo Pessoal

Jéssica diz ter feito grandes amizades no projeto. Uma delas é com a estudante de Enfermagem Catharina Guimarães, 25 anos. Também desempregada, ela vive de freelas e, assim como a colega, tem um filho, de nove anos. “Se a Portuguesa crescer, a gente pode evoluir junto, sendo gandula em outras cidades também. Fazer esse trabalho para outros times talvez possa ser interessante”, ressalta. Catharina diz que agora pensa na possibilidade de ser juíza de futebol algum dia. “É algo que eu gosto”.

A atividade de gandula exige que as mulheres corram dentro de campo e atrás da bola, e por isso é essencial que tenham um bom condicionamento físico. “Antes dos jogos, sempre durmo mais para estar descansada e relaxada. Procuro comer alimentos saudáveis e faço exercícios de alongamento. Isso tudo é muito importante”, afirma Jéssica.

Elas chegam no estádio Ulrico Mursa uma hora antes das partidas, a maior parte realizada aos sábados. Lá, tomam café, vestem os uniformes do clube e entregam os documentos para a federação, nesta ordem.

Ao todo, seis meninas são escaladas, e cada uma delas ocupa um trecho do campo. “É uma responsabilidade muito grande. Então, fazemos o máximo para não dar nada errado. Perder uma bola, por exemplo, causa um prejuízo de R\$ 280. Se elas não chegam no horário marcado, o time pode perder por W.O.”, explica Leandro Valença, da Procuru.

Preconceito em campo

“Por sermos mulheres e estarmos ali de calça ‘legging’, os homens acham que podem falar certas coisas. Isso também é uma forma de tirar nossa atenção”, revela Jéssica. Ela relata que é comum ouvir comentários sobre a “moleza” com que pegam a bola. “Já ouvi desde um ‘tinha que ser mulher para fazer isso’, até um ‘a gandula ali é bem gatinha’”.

Jéssica Borges acredita que muitos homens ainda acham que mulher não deveria estar em campo, mas reage: “Nós podemos estar onde quisermos”, afirma.



Projeto Mulheres em Campo une jovens de diversas regiões da Baixada Santista — Foto: Arquivo Pessoal

A pedagoga e coordenadora do projeto, Thabata Miranda, de 30 anos, reforça que o assédio é ainda pior no verão, quando elas chegam ao estádio de short e “escutam gracinhas”. “No começo do projeto, não tivemos acolhimento. Não reservaram uma sala pra gente. Criticavam as meninas, diziam que a gente não sabia fazer direito. Mas acho que, com o tempo, conquistamos o nosso espaço e a confiança das pessoas na Portuguesa”.

Um outro olhar

Jéssica Borges é formada em um curso técnico de Imobilização Ortopédica. Ela afirma que tem perspectiva de futuro na área do futebol. “Quando estou nos jogos e acontece alguma colisão entre os jogadores, fico prestando atenção para ver se houve fratura”. Ela destaca que isso faz com que veja ainda mais a importância de uma imobilização correta no primeiro atendimento a jogadores lesionados, o que a incentiva a estudar ainda mais para continuar atuando nesse meio.

Além da perspectiva de uma carreira no futebol, Jéssica diz que o trabalho ajuda com que ela lide melhor com o filho, que tem muita energia, por conta do Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH). “Antes não sabia lidar com isso. Não conseguia acompanhar. Com o projeto, comecei a ter mais disposição e participo muito mais da vida dele”, conta.

Para ela, ser gandula se tornou mais do que uma atividade para gerar renda. O projeto transformou sua vida. “Hoje faço porque gosto de estar em campo e de acompanhar os jogos. Me incentivou bastante”, finaliza.

*Sob supervisão de Alexandre Lopes.